APLAUSO

ANO III Nº 33

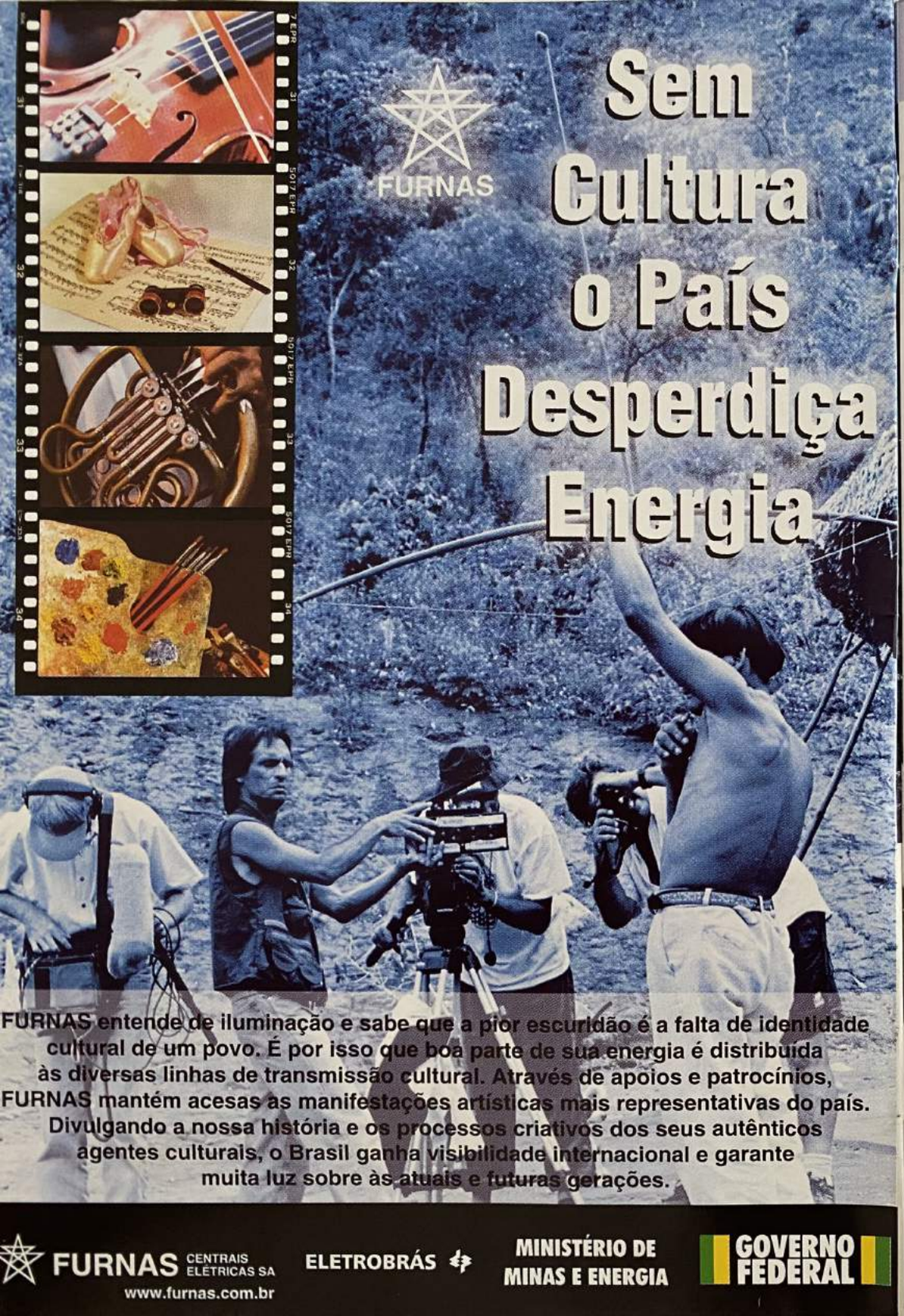
teatro

EXEMPLAR GRATUITO

Noite feliz

O grupo Sobrevento comemora 15 anos

Em Cartaz * Jornal do Teatro * Antonio Abujamra * Hamilton Vaz Pereira * Heloísa Perissê * Ingrid Guimarães * João Fonseca * Ruy Castro * Suzana Vieira



Telão pintado

Nelson Rodrigues é o maior autor teatral do Brasil, certo? Certo. Mas, e se ele tiver sido também o maior autor teatral do Brasil – fora do teatro?

Tudo que Nelson fez foi teatro, inclusive jornalismo. Ao escrever sobre um jogo de futebol (ele, que só via vultos no gramado), Nelson criava uma realidade fantástica (no seu caso, isso não era uma contradição em termos) em que, de Pelé a Cafuringa, os jogadores eram heróis, centauros, homens da lenda. Nelson enxergou o trágico na figura do goleiro Barbosa, criou toda uma mitologia para Garrincha e era capaz de transformar num Hamlet um reles bandeirinha de subúrbio.

Quando se tratava de política, ao polemizar com a esquerda, Nelson também estava fazendo teatro. Como quem dispõe os atores num palco, inventou figuras como as do padre de passeata e da freira de minissaia. E investiu-se pessoalmente no papel do vilão: o reacionário. Todas as suas imagens que definiam tipos – Antonio Callado, "o único inglês da vida real"; Otto Lara Resende, que "só devia andar acompanhado de um taquígrafo que capturasse suas frases"; Jusceline, o "cafajeste dionisíaco" – fizeram do Brasil um cenário de telão pintado. Nas suas crônicas, era como se não houvesse mais vida real e fosse tudo teatro.

Ele próprio, no dia-a-dia, era um de seus personagens. Ao sair à rua, era interpelado pelos que chamava de "desconhecidos íntimos" e reagia à carioca, ou seja, como "o extrovertido ululante". Ao fazer televisão, não se contentava com um microfone e uma cadeira – exigia também uma cabra, "pastando o cenário".

No que pode ter sido um dos muitos óbvios ululantes descobertos por Nelson: o Brasil é isso mesmo – um cenário. Ou, como ele dizia, uma paisagem, com poente de folhinha.

Ruy Castro, dezembro de 2001

Café cultural

Uma das personagens mais famosas do teatro mundial deu nome ao novo espaço inaugurado na Casa da Gávea: o Julieta Café, dos atores Paulo Betti, Maria Ribeiro e Vera Fajardo. Betti teve a idéia ao visitar um museu em Porto Alegre, onde havia um café. Decorado pelo cenógrafo Fernando Mello da Costa, o novo café permite ao visitante saborear petiscos deliciosos e entrar em contato com novas produções literárias, teatrais e musicais, às terças e quartas.

Vida de cantor

Afastado da produção desde 93, o Teatro dos Quatro volta a produzir em 2002. Reestréia com *O Cantor das Multidões*, que conta a história de Orlando Silva. Tuca Andrada, no papel-título, dá continuidade à sua carreira de ator de musicais, depois de *Rock Horror Show* e *O Beijo da Mulher Aranha*.

Entre amigos

Marieta Severo confessa: tem, sim, uma eterna nostalgia dos grupos teatrais e tenta trabalhar sempre com os amigos. No próximo ano, sobe ao palco ao lado de Marco Nanini com a peça *Histórias do Adeus em Diante*, de Nicky Silver. Dirigidos por Felipe Hirsch, eles estréiam no Teatro Alfa Real, em São Paulo, ainda no primeiro semestre de 2002. É só aguardar...

Oportunidade

Uma ótima notícia: as crianças carentes estão tendo oportunidade de ver teatro. A produção de *Tribobó City*, em cartaz no Teatro Scala, todo final de semana convida um orfanato para assistir ao espetáculo. Dirigida por Miguel Falabella, a peça tem o próprio diretor no papel do terrível prefeito corrupto. Agende-se!

RJ Rio de Janeiro Secretaria de Estado de Cultura

Ministério da Cultura

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Débora 70/divulgação.

Suzana Vieira

Um degrau a mais

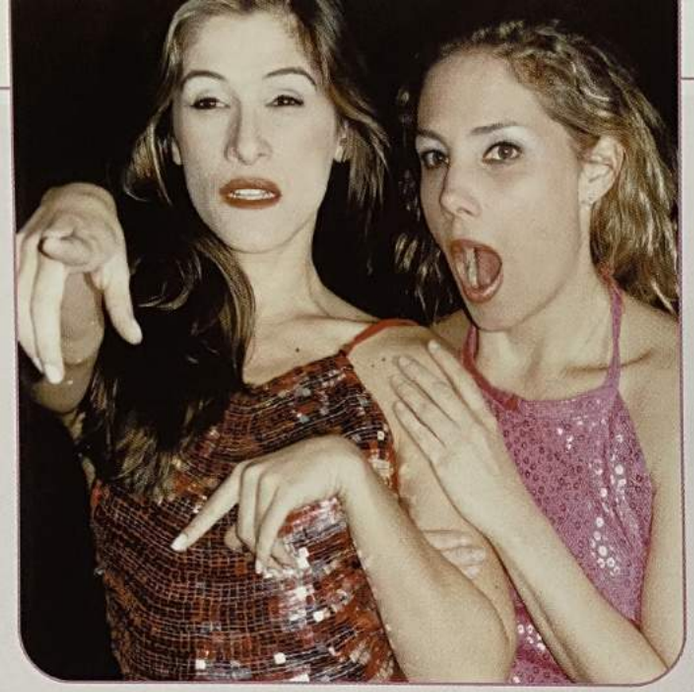
Suzana: "quero emoções que ainda não tive"

O teatro faz parte da minha carreira. Durante estes 41 anos em que faço televisão – só de TV Globo são 31 – nunca deixei de subir ao palco. Estreei no teatro com uma deusa, Dulcina de Moraes, na peça de Sérgio Viotti *Vamos Brincar de Amor em Cabo Frio*. Foi a primeira vez que tomei contato com o teatro e chorei muito com os aplausos. Uma emoção muito forte.

Foi Tônia Carreiro quem me introduziu no teatro carioca. Aliás, ela é o próprio teatro. Fui fazer *Tiro e Queda* e ela me apresentou a Sérgio Britto, com quem fiz *Os Filhos de Kennedy* e, mais tarde, *Os Órfãos de Jânio*, que inaugurou o Teatro dos Quatro. Foi Sérgio quem me fez ter este respeito pelo teatro.

É claro que as novelas dão mais mídia. Mas o teatro dá mais prazer e é uma escola. Gosto de interpretar a Regina, criada pelo Falabella em *A Partilha*, porque ela tem um lado de leveza, despreocupação e alegria que não tenho mais. Quando entro em cena com ela, revivo aquela felicidade de quando não tinha World Trade Center, preocupação com o futuro, falta de luz...

Adoro literatura russa. Adoraria fazer no teatro *Noites Brancas*. Amo Dostoievski e Tolstoi. Se tivesse dinheiro, produziria. Fui à leitura de *Equilíbrio Delicado*, de Edward Albee, com Luís Mello, Tônia Carrero e Walmor Chagas. E era uma maravilha. A Ítala Nandi acabou fazendo meu papel porque fui chamada pela TV. Gostaria de fazer uma peça assim. Para estudar, ter trabalho, me aprimorar como atriz, procurar as nuances. Só na dificuldade você se aprimora. Posso ser considerada uma excelente atriz, mas gostaria de subir mais um degrau. Quero emoções que ainda não tive. O que faço é muito fácil para mim.



Cócegas

O teatro carioca fecha o ano com duas novas estrelas: Heloísa Perissê e Ingrid Guimarães.

Por Maria Lucia Rangel

O grande sucesso teatral de 2001 estreou sem alardes no dia 4 de maio. Não teve reportagens em jornais. Somente a **Aplauso** entrevistou as autoras/atrizes de *Cócegas* antes da estréia. Mas o boca a boca de quem tinha assistido às apresentações fechadas da dupla Heloísa Perissê e Ingrid Guimarães para a TV Globo e TVA, foi fundamental para o estouro de bilheteria. Ainda hoje, sete meses depois, cerca de 100 pessoas vão diariamente ao Teatro das Artes e não conseguem ingresso. Fenômeno de público, *Cócegas* agrada a velhos, jovens e crianças, permitindo que a dupla já tenha marcado a estréia de *Cosquinha* – o infantil de *Cócegas* – para maio do ano que vem.

"Mesmo sendo uma produção barata, os amigos e a família bancaram a produção", conta Heloísa Perissê, conhecida como Lolô. "O Leite de Rosas e a Ótima Veículos nos ajudaram – e ainda ajudam – com uma cota. E foi só". Depois do sucesso, apareceu uma enxurrada de candidatos a patrocinadores. Emplacou a Embratel.

"O público quer coisa boa, quer pensar e rir"

Enquanto come um sanduíche antes de entrar em cena, Ingrid Guimarães diz ter certeza de que *Cócegas* está sendo importante para mudar a mentalidade do patrocinador. "A peça mostra que não é só a cara que está na novela que vai encher um teatro. O público não quer ver somente quem ele já vê todo dia. Quer coisa boa, quer pensar e rir. Tenho orgulho de *Cócegas* porque tem um humor inteligente. Outra coisa: sinto que estamos incentivando os colegas a produzirem e a escreverem."

E o público, como reage? "É uma alegria ser parada a cada momento na rua por causa do teatro", diz Ingrid. "Não é televisão, aquela coisa que entra na sua casa. E falo sem o menor desprezo pela televisão, que sempre fiz e faço. Fiz questão de levar meu personagem do teatro para TV porque tudo que é autoral me interessa. Estar na televisão fazendo uma coisa que eu criei é importante."

"Eu gosto da casca e a Ingrid do miolo"

Lolô e Ingrid têm uma trajetória parecida. Grandes amigas há 10 anos, sempre preferiram trilhar pelo caminho mais difícil. Em vez de fazerem peças dos outros, sempre investiram em seus próprios textos. Ambas já perderam dinheiro com teatro e consideram *Cócegas* o resultado de anos de trabalho. Ingrid diz mesmo que não é sorte, mas uma conjunção de fatores: "falamos a coisa certa no momento certo, abordando o dia-a-dia, o mundo contemporâneo. Temos certeza de que as pessoas estão querendo se divertir. Ligamos a TV é só vemos desgraça. Nos jornais é só tristeza e violência. Cócegas é uma válvula de escape".

"Estou escrevendo um monólogo". "Eu também". "Vamos fazer juntas?" Foi assim que as amigas inseparáveis se juntaram. Decidiram começar com um show na Casa do Riso às terças e quartas-feiras. O projeto foi crescendo e optaram por escrever uma peça. Juntas, já tinham feito Oficina de Humor e o Chico Total na TV. Mas *Cócegas* deu certo por um motivo simples, explicado por Lolô: "Nós somos complementares. Eu gosto da casca e a Ingrid do miolo. A gente não se bate. Uma história que gosto de lembrar é a dos presentes que chegaram ao camarim. Não teve uma disputa. No final, sobraram duas pulseiras. Eu brinquei: já sei qual é a minha e qual é a sua. Ela foi na dela. E eu, na minha."

"Você nunca sabe onde está a sua sorte"

Lolô é atriz há 13 anos. Estreou a primeira peça em 88, *As Guerreiras do Amor*, dirigida por Domingos de Oliveira. Quando a pergunta é sobre o sucesso, ela tem a resposta pronta: "Na minha cabeça, é uma coisa muito clara. É o resultado de tudo que investi na minha vida. Sou presbiteriana e acho que a minha carreira é um chamado de Deus. Na minha vida, Deus vem em primeiro lugar, seguido do trabalho e da família. Quando morava em Mato Grosso, ainda menina, tinha uma brincadeira com um coelho nas festas juninas que comparo ao que acontece hoje. O animal era solto de uma casinha para entrar

em uma das que ficavam em volta. Na realidade, você nunca sabe onde ele vai entrar, onde está a sua sorte. Honestamente, as coisas fluíram para mim porque parei de me apaixonar pelo objetivo e me apaixonei pelo caminho. Não disse: vou ser feliz quando isto acontecer. E, sim: já sou feliz porque faço o que amo. Aí, foi gol."

"Se for convidada para um papel maravilhoso em novela, aceito"

Na mesma época em que ensaiava peça, Lolô foi convidada para participar d *Escolinha do Professor Raimundo*, comandada por seu sogro, Chico Anysio. Alguns meses depois, Ingrid também passou a fazer parte da turma. E ambas estarão em breve na tela grande, no filme *Avassaladoras*, de Mara Mourão. Um dos próximos projetos da dupla é o lançamento do livro *Cócegas*, com os esquetes transformados em crônicas. Lolô também vai começar a ensaiar uma peça dos Irmãos Marx para estrear em horário alternativo. A moça tímida, que confessa nunca ter passado em testes, encontrou seu caminho: "Este ano nós passamos por todos os programas da Rede Globo: *Brava Gente*, *Os Normais*, *Casseta e Planeta*, fora o Faustão, Luciano Huck, Marília Gabriela e Jô. Ainda não recebi convite para fazer novela, mas se for convidada para um papel maravilhoso, aceito."

"Se não tenho trabalho, eu crio"

Pé no chão, Ingrid diz não acreditar muito "nessa coisa de sucesso". Acha que do mesmo jeito que ele chega, vai embora. Mas admite que tudo fica mais fácil quando se está no topo. "Quero poder fazer o que tiver vontade, Adoro comédia, mas não quero que ela me aprisione. E se não tenho trabalho, eu crio. A concorrência na profissão é complicada, os valores são muito trocados. Mas *Cócegas* prova que ainda há chances para boas atrizes fora do padrão. Pessoas que sempre admirei, como Regina Casé, Luiz Fernando Guimarães e Chico Anysio, amaram".

O sucesso, porém, ainda não permitiu que elas realizem alguns sonhos. Lolô quer comprar uma cobertura na Barra. Ingrid pensa em viajar. O dinheiro ainda não deu para a primeira realizar seu sonho. E o tempo anda apertado para a segunda. Estão até abrindo uma firma, a Cócegas, onde vão reinvestir o que estão ganhando em novos projetos. Boa sorte!

PROJETO MULTISHOW DE INCENTIVO AO TEATRO

multishow

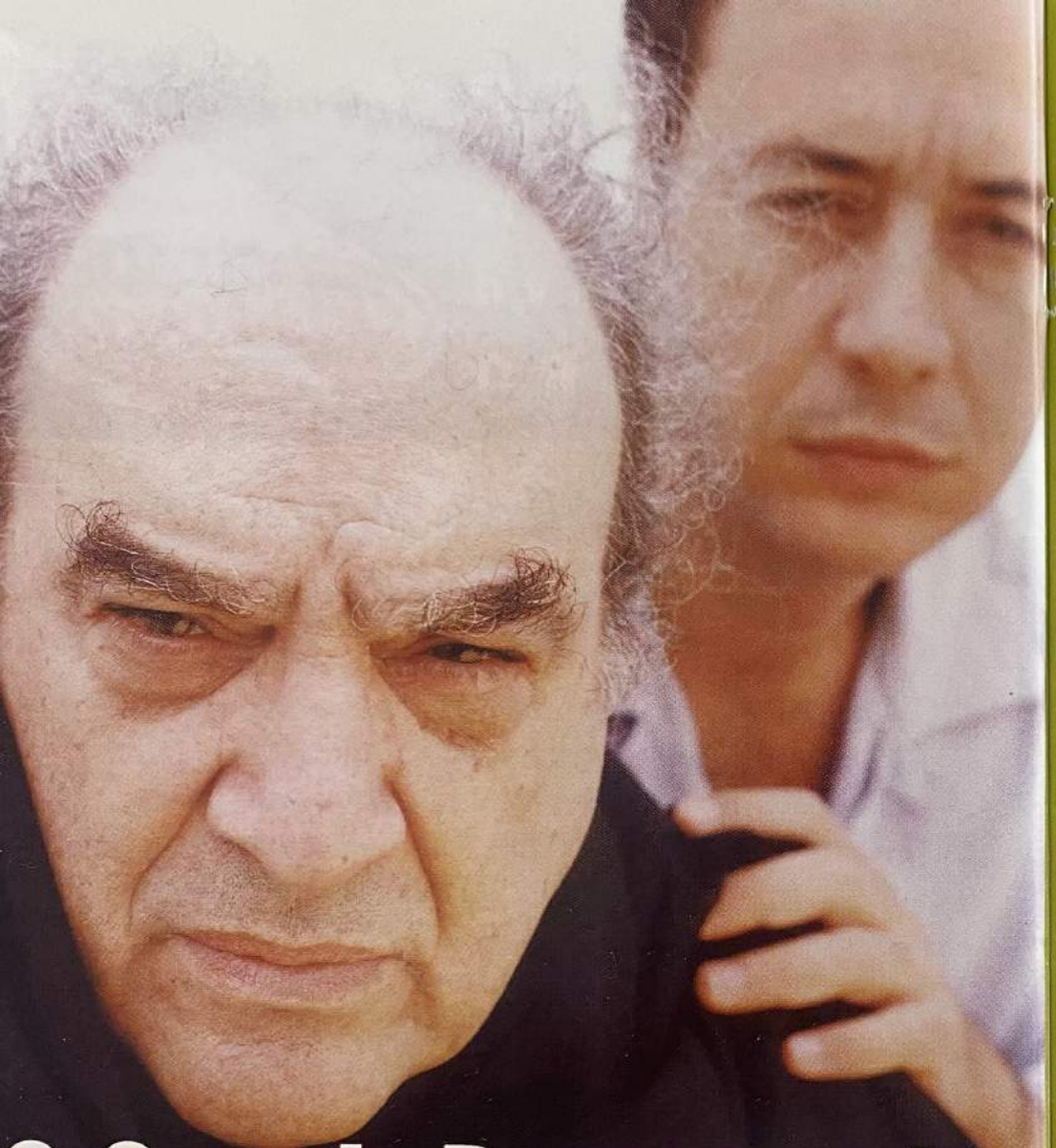
O canal entre o teatro e o público brasileiro.

O **Multishow**, como o canal pioneiro no incentivo ao teatro brasileiro, está selecionando peças para o **Projeto Multishow de Incentivo ao Teatro.** O Projeto conta com a cobertura de leituras, ensaios e estréias; produção de *making ofs*; exposição na mídia nas principais capitais; apoio do lançamento no **Multishow em Revista** e divulgação no **Multishow News.**

Envie o seu projeto:
Rua Itapiru, 1209/sala 421 Rio Comprido
20251-032 Rio de Janeiro RJ
ou marketingmultishow@globosat.com.br.

www.multishow.com.br
Para assistir ao Multishow, assine
NET 0800-992211 ou SKY 0800-172728

multishow
CANAL GLOBOSAT



O Grande Regresso de Paulo Sérgio Cortez

Abujamra e uma "falsa homenagem" a Paulo Autran, Sérgio Britto e Raul Cortez, intérpretes de Rei Lear.

Por Maria Lúcia Rangel

FOTO: GREG VANDERLANS/DIVULGAÇÃO

Antonio Abujamra provoca novamente. Desta vez, contando a história de um velho ator que volta ao teatro para atuar em um grande papel, o de Rei Lear, de Shakespeare. O palco é o do Teatro Glória. A livre tradução e adaptação da peça de Sérgio Kribus, feita pelo próprio Abujamra, que dirige e atua, presta uma homenagem – segundo ele, uma "falsa homenagem" - aos três atores brasileiros que interpretaram o personagem: Paulo Autran, Sérgio Britto e Raul Cortez. Daí o nome do espetáculo, *O Grande Regresso de Paulo Sérgio Cortez*.

Ao mesmo tempo em que vive a perspectiva de estrear como Lear, o velho ator pede para morar com o filho Henrique, recém-separado e desempregado, interpretado por André Corrêa, que já trabalhou em oito peças com Abujamra, entre elas, *O Casamento*, de Nelson Rodrigues, *Arturo Ui*, de Brecht, e *Essa Noite se Improvisa*, de Pirandello. Ao longo da peça, a platéia presencia duas realidades distintas: um pai que aproveita o tempo para ensaiar o papel de rei e um filho que busca a possibilidade de conseguir espaço na sociedade que nem sempre oferece oportunidade para todos.

Antonio Abujamra lembra que todas as artes são políticas, mas acha que a arte deve ser mais radical do que política, "como o ser humano numa sociedade não humana. O teatro é essencial porque ele nos deixa humanos. É no teatro que a gente tem a atenção apropriada sobre a relação que existe entre a loucura e a razão, entre a imaginação e a realidade, entre a sociedade e a justiça." E tudo isso é demonstrado no espetáculo *O Grande Regresso de Paulo Sérgio Cortez*.

A seguir, um ping-pong com Abujamra...

Aplauso: Rei Lear seria um personagem que cairia como uma luva em você. Porque nunca fez?

Antonio Abujamra: Não há diretor de teatro no mundo que não pense em interpretar esse personagem maravilhoso. E interpretamos, nem que seja no bar, na cama ou qualquer outro lugar. Agora, aos 70 anos, eu chego perto como o velho ator que vai interpretá-lo.

Aplauso: Qual foi o maior Rei Lear que você assistiu?

A.A.: O melhor foi um Rei Lear russo que vi no cinema. Melhor pela sabedoria e visão crítica do mundo.

Aplauso: O Cláudio Corrêa e Castro, no Livro *Bastidores*, de Simon Khoury, diz que o brasileiro não deveria montar tragédias porque não tem dimensão dramática. O que você acha disso?

A.A.: Ele pode falar o que quiser. Só deveria mudar sua forma de interpretação burocrática. Ninguém reclama mais da vida do que o Cláudio.

Aplauso: Como foi feita a adaptação do texto de Kribus?

A.A.: Adaptei livremente. É quase uma peça nova. O espetáculo é uma celebração ao teatro. Uma celebração às pessoas que fazem teatro. Uma celebração ao público que vai ao teatro. Uma celebração mostrando que o artista é sempre um insulto à pobreza, à infelicidade.

Aplauso: Como você conheceu o Kribus?

A.A.: Eu sei tudo sobre as pessoas e o mundo, mas finjo que não sei para viver melhor com vocês.

Noite Feliz
um auto de Natal

O grupo Sobrevento, de teatro de bonecos, comemora seus 15 anos contando a história de Jesus e do Oriente Médio.

Por Maria Lucia Rangel

FOTOS: DÉBORA 70/DIVULGAÇÃO

Um dos mais atuantes e importantes grupos de Teatro de Bonecos do Brasil, o Sobrevento, mostra no Museu Histórico Nacional o espetáculo *Noite Feliz – Um Auto de Natal*, musical que reconta o nascimento de Jesus através de bonecos e lembra também os usos e costumes do povo do Oriente Médio naquela época. O diretor Miguel Vellinho teve o cuidado de fugir da imagem loura clássica com que freqüentemente Jesus é retratado. Os personagens são morenos e procuram refletir o tipo físico da região onde nasceram.

A história começa com Maria e José relembrando o dia em que se casaram. A seguir, há o momento da anunciação, quando o Anjo Gabriel – nesta versão, bastante esperto e levado – diz à Maria que ela espera um filho de Deus. José mostra-se ressentido e desconfiado, levando Maria a passar uns tempos com sua prima Isabel, também grávida. Depois de receber também a visita do anjo Gabriel confirmando a história da mulher, José vai buscá-la. Mas ao retornarem a Nazaré, são surpreendidos com a notícia de que devem voltar a Belém, porque Herodes organizou um censo e exige que todos voltem a sua cidade de origem.

Drama e comédia

Investindo no humor e no lirismo, a montagem tem trilha sonora original e música ao vivo, com toda a fantasia que o teatro de animação tem direito, onde os anjos podem voar de verdade e os atores-cantores José Mauro Brant e Doriana Mendes são também narradores e atores-manipuladores dos personagens de José e Maria, respectivamente. Ferramentas de época compõem a carpintaria de José. E há ainda os rituais típicos. "Quando Maria visita sua prima Isabel, por exemplo, as duas vão buscar água no poço para abastecer a casa. Segundo relatos, este era o momento em que as mulheres se encontravam socialmente, conversavam, contavam as novidades", diz o diretor.

Ele explica que os personagens secundários receberam um tratamento de comédia, contrastando com a história lírica e dramática de José e Maria. "Pedimos ao compositor que as canções fossem um momento de

reflexão da montagem. Por isso as letras são bastante poéticas". Marco Aurélio Sílvio compôs nove músicas para o espetáculo, com arranjos e direção musical de José Roberto Crivano. "As percussões têm forte referência da música israelense, paquistanesa e árabe", conta.

Aniversário

Apesar de a principal técnica de animação utilizada no espetáculo ser a manipulação direta, especialidade do Sobrevento, em que três atores manipulam um único boneco diante do público, *Noite Feliz* tem também bonecos de vara e cenas em que são utilizadas a técnica do teatro de sombras. Os bonecos dos três Reis Magos, por exemplo, ganharam uma estrutura simplificada que os aproxima do humor com que são retratados, dando maior agilidade ao espetáculo.

Formado em 1986 e com participações em diversos festivais internacionais de teatro, o Grupo Sobrevento comemora com *Noite Feliz – Um Auto de Natal*, 15 anos de vida.

Os bonecos contam estórias. E a História

Sabe-se com certeza que os bonecos fazem parte do teatro japonês desde o século 8. Em sua História Mundial do Teatro, Magot Berthold conta que, entre 794 e 1185, os bonecos já viajavam por todo o país com trupes ambulantes. O "teatro", uma caixa retangular aberta na frente, era carregado pelo titereiro com a ajuda de uma correia no pescoço. Os bonecos, feitos de pedaços de madeira e trapo, eram movimentados através de buracos abertos no fundo e aos lados da caixa. Mas todo o teatro do Extremo Oriente manipulou a marionete, desde o títere wayang javanês, suntuosamente vestido, até o boneco rústico, esculpido a mão, da ilha de Awaji. No Brasil, os bonecos "representam" há anos. É principalmente durante as festas de Carnaval que os mamulengos (sinônimo de fantoche) animam o Nordeste. Uma paulista, a artista-educadora Suzana Rodrigues, manipula seus marionetes há mais de 50 anos, tendo introduzido o personagem histórico no universo habitado, até então, por personagens da literatura infantil, contos de fada e folclóricos. Suzana contou a História do Brasil na exposição O Brasil de Pedro a Pedro. Em 1970, foi a vez dos artistas plásticos Álvaro Apocalypsae, Terezinha Veloso e Maria do Carmos Martins criarem o grupo Giramundo, um dos mais atuantes e premiados em todo o mundo. E já está famoso o Festival Internacional de Teatro de Bonecos, realizado em Belo Horizonte, que amplia a arte titeriteira, unindo a vanguarda e cristalizando a tradição.

A Fonte dos Santos

Uma discussão irreverente sobre a importância da aparência, externa ou não...

Por Maria Lúcia Rangel

Depois de cinco anos no Teatro Dulcina, Os Fodidos Privilegiados sobem ao palco de um espaço alternativo, a Fundição Progresso, com a peça *A Fonte dos Santos*, texto inédito do dramaturgo irlandês J. M. Synge. O teatro mudou, mas não mudou a linguagem irreverente e popular que caracteriza o grupo dirigido por João Fonseca.

O ponto de partida é um casal de cegos, que vive mendigando em uma pequena cidade do interior. Apesar de os dois serem muito feios, acreditam que são o homem e a mulher mais bonitos da região. Não bastando o equívoco, os dois ainda foram enganados pelos outros habitantes do local. A visita inesperada de um santo, que tem o poder de curar qualquer doença, vai provocar uma grande mudança na vida destes personagens... É um espetáculo que indaga: "você acredita em milagres?" Ou "valerá a pena ver o mundo de hoje?" A vaidade humana, o confronto entre imaginação e realidade são algumas das questões propostas pela história.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Nova fase

"Desde que nos separamos do Abujamra, no início do ano, fizemos duas montagens de Shakespeare", conta o diretor João Fonseca. "Quando nos vimos sem teto, tendo que sair do Dulcina, pensei num texto mais simples, com menos atores, mais de acordo com a fase atual do grupo, sem muitas possibilidades".

João deixa claro que a saída de Antonio Abujamra do grupo foi sem traumas ou brigas, como foi noticiado. O grupo surgiu da cabeça dele e sua saída aconteceu porque achava que já era hora de Os Fodidos Privilegiados andarem com as próprias pernas: "Sou diretor hoje em dia por causa dele", diz João. "Estamos sempre em contato e foi o Abujamra quem nos recomendou o Synge, autor de *A Fonte dos Anjos*".

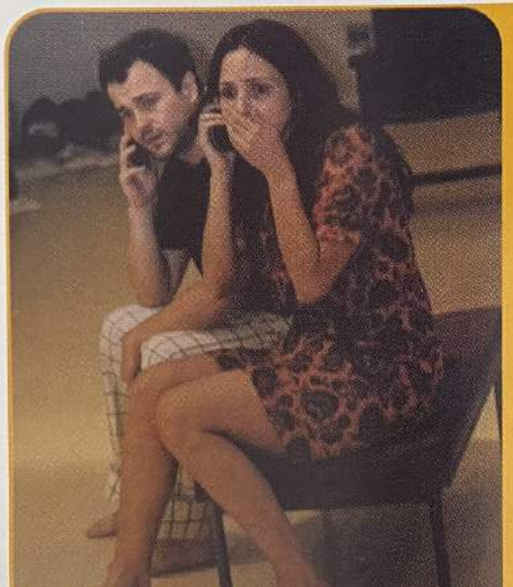
Aparência(s)...

A atual peça segue a trajetória do grupo: é um texto inédito e é popular. Segundo o diretor, trata-se de uma farsa, uma tragicomédia, quase uma fábula. "O texto, escrito há mais de 100 anos (Synge morreu em 1904) fala de uma coisa muito atual: a aparência. Começa enfocando a aparência exterior para depois se aprofundar. Eu me surpreendi ao ler".

Trabalhando com um novo espaço alternativo, que será inaugurado pelo grupo, o cenógrafo Nello Marrese aproveitou o concreto e as pedras do local, introduzindo pinturas que lembram as bandeirinhas de Volpi para dar idéia de cidade do interior. O chão será coberto de palha.

"Tentei ser o mais fiel possível ao original", diz João. "Só retirei a história da Irlanda para torná-la universal. A única referência que mantive foi o vilarejo, onde as pessoas simples e pobres ainda mantêm a fé nas crendices e acreditam no milagre". Vale conferir!

Desejos, Bazófias e Quedas



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Uma peça vista pelos bastidores. Ou como se constrói a ilusão teatral. Por Maria Lucia Rangel

Hamilton Vaz Pereira é mesmo incansável e continua a emplacar uma peça anualmente ("é como se fosse o meu diário"). Já no finalzinho de 2001, ele estréia no Teatro do Jockey *Desejos, Bazófias e Quedas*, onde vai mostrar ao público a existência de personagens em cenas imaginárias e de como se constrói uma ilusão teatral. No palco, sete atores solistas (Luciana Braga, Ernesto Picollo, Lena Brito, Bruno Garcia, Tatiana Vereza, Leonardo Medeiros e Íris Bustamante), mais 10 jovens atores que lhes dão assistência em cena e três músicos.

"Vou fazer 50 anos daqui a pouco, e este espetáculo veio num momento legal. Estou a fim de me dar um presente", diz um bem-humorado Hamilton. "É um bebezinho, no qual comecei a trabalhar no início do ano, me apaixonei e convenci meus colegas a exibirem comigo".

Desde 1974, quando criou com Regina Casé e Luiz Fernando Guimarães o Asdrúbal Trouxe o Trombone, Hamilton vem exercitando seu talento como diretor, ator, autor, adaptador e professor, passando por experiências que vão desde adaptações de Homero, direção de óperas, atuação no cinema e colaborações em programas de TV. Com *Desejos, Bazófias e Quedas* ele acredita estar criando algo novo, apesar de ser uma produção rápida e dos ensaios corridos.

Comédia selvagem

"O espetáculo tem a ver com os últimos acontecimentos do mundo e também do nosso cotidiano", explica. "Gira em torno de alguns personagens contemporâneos que moram numa grande cidade – eu a situei no Rio de Janeiro, porque é a minha cidade – e que mais observam do que interferem nos acontecimentos. Mas todos têm opiniões e participam de longe."

Ele não diria que o espetáculo é uma comédia, porque tudo que se coloca em cena pode ser pesadíssimo. Prefere termos como *tragédia ridente* ou *comédia selvagem*. "Teatro é a minha onda. Gosto de fazer e tenho domínio do que vou apresentar. De repente, você conta uma bazófia, tem um desejo ou sofre uma queda. É isso. Os personagens fazendo o que está no título".

Quando a peça tem início, o público vai ver os bastidores, o ambiente de ensaio, a produção de um show, um tempo antes de sua estréia. Está tudo pronto, mas falta o acabamento, os detalhes de um grande espetáculo. Antes que a cortina se abra, a platéia confere com o produtor, diretor, cenógrafo, figurinista e iluminador os últimos acertos. "Mostraremos que o espetáculo vem de outro lugar, surge de outro território, questionando a vida e o pensamento. Sem endereço certo, busca água, alimento e pastagem. Diremos como se constrói essa ilusão teatral." Ou seja, o público é recebido nos bastidores...

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A Fonte dos Santos

A mais nova produção do grupo Os Fodidos Privilegiados tem texto do irlandês J.M. Synge. O tema: a visita de um santo que muda a vida de um casal de cegos. Direção de João Fonseca. Com Ricardo Souzedo, Danielle Barros, Roberto Lobo. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, 24, Lapa). Fone: 2220-5070. De quinta a domingo, 20h. R$8.

Aracy de Almeida – No país de Araca

Musical criado pelo também diretor Eduardo Wotzik, em cima da cantora e jurada de TV. Elenco: Leandro Hassum, João Carlos Barroso, Roberto Bataglin, Maria Gladys. **Teatro 1 do CCBB** (Av. Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 18h. R$10. Até 16/12.

Carmen Miranda by Dussek

Sempre ao piano, Eduardo Dussek canta e conta a vida de Carmem Miranda, em show que resgata a história da Pequena Notável e suas mais célebres canções. **Café Teatro Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2235-5348. De sexta a sábado, 21h. Domingo, 18h. R$30.

Casa de Boneca

Texto de Ibsen que discute a situação social da mulher na segunda metade do século 19. Direção de Aderbal Freire-Filho. Com Ana Paula Arósio, Floriano Peixoto. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.). R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.). Até 23/12, retornando em 4/1.

Clara Nunes – Brasil Mestiço

Está de volta o musical que mostra a trajetória artística de Clara Nunes. Direção de Gustavo Gasparani. No elenco, Ana Velloso, Ana Carbatti, Flávio Bauraqui. **Teatro de Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2235-5348. Quartas e quintas, 21h. R$25. Até 20/12.

Cócegas

Oito histórias bem-humoradas sobre o universo feminino. Quem assina são duas jovens autoras e atrizes, Ingrid Guimarães e Heloisa Perissé. Direção de Aloísio de Abreu, Sura Berditchevsky, Luiz Carlos Tourinho e Marcelo Saback. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Conduzindo Miss Daisy

A comédia de Alfred Uhry conquistou o Prêmio Pulitzer e sua adaptação para o cinema ganhou três Globos de Ouro e o Oscar de 90. Direção de Bibi Ferreira. Elenco: Nathalia Timberg, Milton Gonçalves e Reinaldo Gonzaga. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2220-8394. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h30. Domingo, 18h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.). Até 16/12, retornando em 3/1.

Da Arte de Subir em Telhados

Texto de Paulo de Moraes e Gelson Amaral sobre a delicadeza que se perdeu no relacionamento entre as pessoas. Direção: Paulo de Moraes. Com Patrícia Selonk, Simone Mazzer, Ricardo Grings. **Teatro Casa Grande** (Av. Afrânio de Melo Franco, 290, Leblon). Fone: 2239-4046. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.) e R$25 (sex. a dom.). Até 16/12.

De Caso com a Vida

Peça de Paul Rudnick sobre um garçom aspirante a ator que adora sexo, mas tem medo da Aids. Direção de Gilberto Gawronski. Elenco: Norton Nascimento, Oddone Monteiro, Miguel Nader. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb). Até 23/12.

Desejos, Basófias e Quedas

Novo espetáculo de Hamilton Vaz Pereira, que também dirige, sobre personagens contemporâneos que

observam os acontecimentos no mundo. Elenco: Luciana Braga, Ernesto Picollo, Bruno Garcia. **Teatro do Jockey RioArte** (Rua Mária Ribeiro, 410, Gávea). Fone: 2540-9853. De quinta a sábado, 21h., Domingo, 20h. R$15.

Divina Delícia

Comédia de Regiana Antonini onde dois atores vivem oito personagens cada um, em situações do dia-a-dia. Direção de Paulo Afonso de Lima. Com Carla Daniel e Rogério Fabiano. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 62, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui.), R$15 (sex. e dom.) e R$20 (sáb.). Até 23/12.

Engraçadinha dos doze aos dezoito

O romance de Nelson Rodrigues ganha adaptação teatral em duas partes. A primeira é dirigida por André Paes Leme, com Carolina Kasting, Georgiana Góes. **Teatro II do CCBB** (Av. Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quartas, sextas e domingos, 18h. R$10. Até 16/12.

Engraçadinha depois dos trinta

Segunda parte do romance de Nelson Rodrigues, dirigida por Luiz Arthur Nunes, com Claudia Lira, Henry Pagnoncelli. **Teatro II do CCBB** (Av. Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quintas e sábados, 18h. Domingo, 19h30. R$10. Até 16/12.

Farsa da Boa Preguiça

Comédia de Ariano Suassuna sobre dois homens casados que são provocados por três diabos e têm propostas de redenção de três anjos. Com o grupo Confraria da Paixão. Direção de Elza de Andrade. **Espaço Ariano Suassuna** (Rua do Lavradio, 20, Centro). Fone: 3852-5516. De segunda a domingo, 20h. R$5. Até 21/12.

Feliz Ano Velho

Peça de Alcides Nogueira inspirada no livro de Marcelo Rubens Paiva, com direção de Paulo Betti. No elenco, Cláudio Fontana, Suzana Faini, Genézio de Barros, Maria Ribeiro. **Conjunto Cultural da Caixa – Teatro Nelson Rodrigues** (Av. Chile, 230, Centro). Fone: 2262-0942. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h. R$15. Até 16/12.

Jantar entre Amigos

Peça do americano Donald Margulies, prêmio Pulitzer do ano passado, sobre a amizade de dois casais. Direção de Felipe Hirsch. Com Renata Sorrah, Xuxa Lopes, Carlos Gregório e Otávio Müller. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui. e sex.), R$25 (dom.) e R$30 (sáb.).

O Grande Regresso de Paulo Sérgio Cortez

Homenagem a três atores que interpretaram Rei Lear: Paulo Autran, Sérgio Britto e Raul Cortez. Livre tradução e adaptação da peça de Sérgio Kribus, com direção de Antonio Abujamra que interpreta o personagem-título, contracenando com André Corrêa. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Até 16/12, recomeçando 10/1.

O Penhor Desta Igualdade

Cabaré musical sobre os principais acontecimentos e personalidades do século 21. Texto e direção de Maria Teresa Amaral. Com Márcia Cabral, Rogério Freitas. **Casa de Cultura Margarida Rey** (Travessa Cristiano Lacorte, 54, Copacabana). Fone: 2522-1603. De sexta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Pinóquio

Adaptação livre da história do boneco de madeira que se transforma em menino de verdade. Direção de Moacyr Góes. Com Leon Góes, André Valli, Natália Lage. **Espaço 3 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15. Até 27/1.

Poemas com Problemas II – o musical

Dezenove atores dançam, cantam e interpretam textos de Moisés Bittencourt, que também dirige. Com Alex Nader, Viviane Novaes e participação especial de Daniele Valente e Thiago Fragoso. **Teatro Arthur Azevedo** (Rua Victor Alves, 454, Campo Grande). Fone: 2413-3622. De sexta a domingo, 20h30. R$8. Até 17/12, retornando em 10/1.

Polaroides Explícitas

Texto do inglês Mark Ravenhill passado em 1999, lembrando o fim da Guerra Fria, em que a vida de seis personagens se entrelaçam. Direção de Ary Coslov. Elenco: Anna Cotrim, Antonio González, Bruno Garcia. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Terças e quartas, 21h. R$20.

Se correr o bicho pega, se ficar, o bicho come

Remontagem do texto de Vianinha e Ferreira Gullar sobre as velhas estruturas políticas, culturais e sociais brasileiras. Direção de Antonio Pedro. Com Andréa Dantas, Anselmo Vasconcellos, Murilo Rosa e Leandra Leal. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes s/n, Centro). Fone: 2232-8701. Dias 11, 12, 13 e 14/12, às 12h30. Dias 15 e 16/12, às 16h. E dias 26 e 30/12, às 20h. Temporada popular: R$1,99.

Se Todos os Homens do Mundo...

Do autor alemão Martin Miller, a peça retrata passagens da Segundo Guerra Mundial em um campo de concentração. Direção de Paulo Afonso de Lima. Elenco: Antonio Gonzalez, Almir Martins. **Teatro Princesa Isabel** (Av. Princesa Isabel, 186, Copacabana). Fone: 2275-3346. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20.

South American Way

Musical de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa sobre Carmem Miranda. Direção de Miguel Falabella. Stela Miranda e Soraya Ravenle interpretam duas Carmens num elenco de 18 atores e bailarinos. **Teatro Scala** (Av. Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 2239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. Dependendo do setor onde estiver localizada poltrona, o preço varia de R$30 a R$40.

Três Homens Baixos

Comédia de Rodrigo Murat mostrando as facetas do universo masculino. Direção de Fernando Guerreiro. Com Gracindo Jr., Herson Capri e Jonas Bloch. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Um Dia das Mães

Comédia urbana de costumes de Flávio Marinho, também diretor e produtor, sobre o encontro de uma mãe, dois filhos e um convidado trapalhão. Elenco: Eva Wilma, Giuseppe Oristânio, Marcelo Escorel e Sérgio Loroza. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R$20 (sex.), R$25 (qui. e dom.) e R$30 (sáb.). Até 16/12.

Um Dia de Sol em Shangrilá

O novo musical de Charles Möeller e Cláudio Botelho traça um perfil da mulher contemporânea, com o primeiro no texto e direção, e Botelho na direção musical e versões. Elenco: Lucinha Lins, Cláudia Netto e Selma Reis. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$15. Até 11/1.

Viver

Cinco textos de Machado de Assis dirigidos por Moacir Chaves. Com o grupo Péssima Companhia. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10. Até 23/12.

Se correr o bicho pega, se ficar, o bicho come

FOTOS: DIVULGAÇÃO

A volta do teatro político de Vianinha e Ferreira Gullar.

Por Maria Lucia Rangel

As velhas estruturas políticas, culturais e sociais, expostas dentro da tradição poética brasileira e influenciadas pela literatura de cordel e por Ariano Suassuna, voltam ao palco carioca 35 anos depois. *Se correr o bicho pega, se ficar, o bicho come* - a primeira montagem é de 1966, com direção de Giani Ratto - estréia em temporada popular no Teatro Carlos Gomes, agora dirigida por Antonio Pedro. Em janeiro, começa temporada normal no Teatro Casa Grande.

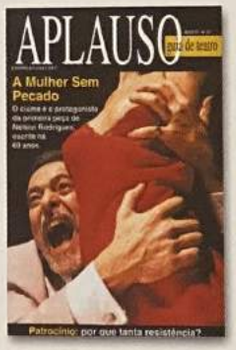
Desde a estréia, a peça só foi apresentada nos anos 80, na CAL, dirigida por Amir Haddad. Mas o tempo que separa a primeira apresentação dos dias de hoje não deixou o espetáculo nem um pouco datado. Antonio Pedro lembra que Plínio Marcos costumava justificar seus personagens, sempre atuais, com a frase: "o Brasil não muda. Enquanto não mudar, vou virando um clássico." O mesmo acontece com *Se correr o bicho pega...* "Fizemos pequenas atualizações quando há nomes citados", explica Antonio Pedro. "O Ciccillo Mattarazzo, por exemplo, o mecenas das artes na época, foi trocado por Ronaldinho. E, no lugar do político Amaral Peixoto, entrou o Fernando Henrique Cardoso."

Tudo igual

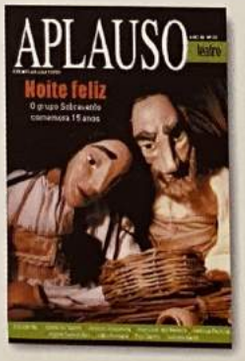
A história da luta de classes feita por um grupo de intelectuais de esquerda teve argumento de João das Neves, Paulo Pontes, Denoy de Oliveira, Armando Costa, Pchin Plá e Tereza Aragão, depois transformado em texto por Vianinha e Gullar. "É a briga política pelo domínio", diz o diretor. "Tem o coronel Honorato, plantador de algodão (Luca de Castro), e o usineiro Requião (Anselmo Vasconcellos). Este Brasil está até hoje no Congresso Nacional", lembra Antonio Pedro. "É o Brasil de Antonio Carlos Magalhães e Jáder Barbalho."

Murilo Rosa e Leandra Leal são os atores convidados, formando o par romântico da peça. Ele como Roque (papel que foi de Vianinha), o anti-herói tipicamente brasileiro, empregado de fazenda que tira a virgindade da filha do coronel e, depois de perseguições e muita malandragem para escapar, é transformado em herói do povo por acaso. Leandra é Mocinha, a virgem assanhada. O elenco permanente do grupo Centro Experimental Teatro Escola é encabeçado por Anselmo Vasconcelos, Andréa Dantas (interpretando Cabizuza, personagem que só fala no final da peça), Luca de Castro, Ricardo Petraglia e Antonio Pedro. Todas as músicas tiveram a melodia refeita por Gabriel Moura, do Grupo Farofa Carioca. A montagem do histórico texto do Grupo Opinião vai passar por uma experiência única, trabalho que o C.E.T.E. faz há 10 anos: a comunicação direta com o público, construindo o espetáculo com platéia em duas estréias. Na primeira, no Teatro Carlos Gomes, o espetáculo estará inacabado, com algumas cenas marcadas e outras em fase de leitura. Neste momento será definido o formato final, que estréia no Teatro Casa Grande em janeiro.

Colecione, assine!



Enviamos para todo o Brasil



Assinatura semestral R$ 18

Maiores informações
Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

UM PRESENTE QUE VAI EMOCIONAR...
Coleção completa de Aplauso por R$ 48! Edições de 1 a 33

não perca

O espectador gostou, assistiu e indica

Cócegas

"Eu ri demais, as comédias têm tudo a ver comigo. Os espectadores também rolaram de rir. Além disso, gosto muito da fórmula de esquetes."

Eduardo Galvão, ator

Jantar entre Amigos

"É uma peça que indico pelas brilhantes atuações dos atores e pelo legal que é ver a evolução profissional de Xuxa Lopes, crescendo cada vez mais como atriz."

Scarlet Moon de Chevalier, jornalista

South American Way

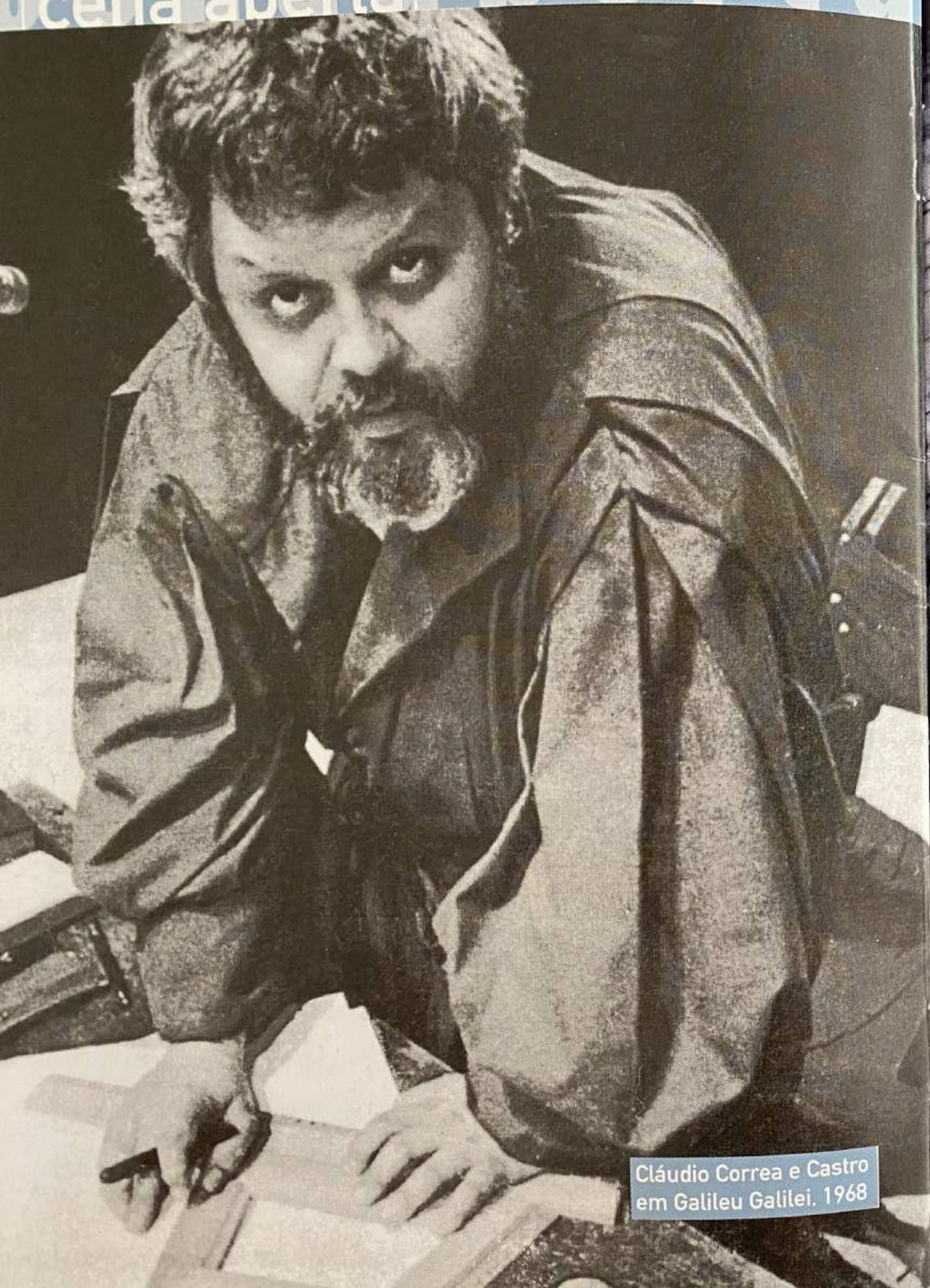
"É a melhor coisa do Falabella. Tem criatividade, diálogos engraçados, boas atrizes e uma Carmem Miranda com humor. É difícil fazer uma Carmem que não seja *déjà vu* ou copiada de Hollywood. Esta me surpreendeu."

Maria Lucia Dahl, atriz e escritora

Um Dia das Mães

"Passei uma noite agradabilíssima. O Flávio Marinho mostra que entende de mãe e tem muita sensibilidade para o tema."

Gilberto Braga, autor



Cláudio Correa e Castro em Galileu Galilei. 1968

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

Correios. Incentivando a arte de duas formas: na ponta dos dedos e na ponta dos pés.

Onde tem arte, tem o incentivo dos Correios.

Selo é arte. Colecione. Compre pelo site www.correiosonline.com.br ou nas agências dos Correios em todo o Brasil.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

CORREIOS 100% BRASIL

GOVERNO FEDERAL
Trabalhando em todo o Brasil